

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio: Passos do meu Percurso

2011

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio: Passos do meu Percurso

Tânia Sofia Pereira dos Santos

Trabalho realizado sob a orientação do(a) Professor(a) Vera do Vale

Julho de 2011

Agradecimentos

Finalizada esta etapa importante da minha formação, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que me apoiaram ao longo deste caminho e que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à Professora Vera do Vale por toda a orientação, motivação, disponibilidade e conhecimento transmitido.

Aos meus pais e irmão apresento os menos sinceros agradecimentos pelo amor, pelo apoio e pela coragem que sempre me transmitiram.

Agradeço ao Tiago Resende a dedicação, compreensão e apoio que sempre me transmitiu nos momentos mais difíceis.

Por último mas, de igual importância, agradeço às minhas colegas de curso todo o apoio prestado e a todos os professores do curso que comigo compartilharam muitos saberes.

Relatório de Estágio: Passos do meu Percurso

Resumo: O presente relatório é caracterizado pelas experiências-chaves vivenciadas ao longo de oito meses de estágio numa instituição de valência de creche e jardim-de-infância. Assim, no desenvolvimento do relatório é visível uma componente descritiva e reflexiva dessas experiências, bem como, uma contextualização da minha formação e da educação pré-escolar em Portugal.

Palavras-chave: Observar, Avaliar, Intervir, Reflectir

Abstract: Persente the report is characterized by the experiences lived keys over an eight-month internship in an institution valence nursery and garden-care. Thus, the development of the report is a visible component descriptive and reflective of these experiences, as well as a context of my upbringing and preschool education in Portugal.

Keywords: Observe, Assess, Intervene, Reflect

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	2
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	3
CAPÍTULO II.....	6
2. CARACTERIZAÇÃO.....	7
2.1 Caracterização da Instituição	7
2.1.1 Componente Educativa/ Social	8
2.1.2 Aspectos Curriculares Gerais	8
2.2 Caracterização do Grupo	9
CAPÍTULO 3	11
3. AS MINHAS PRIMEIRAS SEMANAS.....	12
3.1 O Meu Primeiro Dia	12
3.2 Organização do Tempo/Rotinas.....	13
3.3 Organização do Espaço.....	13
3.3.1 Espaço Interior	13
3.3.2 Espaço Exterior	15
3.4 Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância	15
3.5 Acto de Brincar	16
CAPÍTULO IV	18
4. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA	19
4.1 Instrumento de Avaliação	19
4.2 Sistema de Acompanhamento de Crianças	21

4.2.1 Ficha 1G	22
4.2.2 Ficha 2G	24
4.2.3 Ficha 3G	25
4.2.4 Ficha 1G: Avaliação Final	26
CAPÍTULO V	28
5. A MINHA ACTUAÇÃO PRÁTICA	29
5.1 Planificação	29
5.2 Metodologia de Projecto	31
5.2.1 O que é a Metodologia de Projecto	31
5.2.2 Mini Projecto “O ciclo da Água”	33
5.2.3 Projecto “As Emoções”	34
5.2.3.1 Lançamento.....	38
5.2.3.2 Fases do Projecto	39
CAPÍTULO VI	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFIA	44
APÊNDICES	47
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar foi-nos proposto a realização de um estágio numa instituição de valência creche e jardim-de-infância, bem como, a realização do presente relatório que demonstra a experiência vivenciada nessa instituição. Assim, este relatório resulta de um trabalho permanente realizado ao longo do estágio pois, todos os dias me debruçava sobre o que tinha observado e realizado nesse dia e, perante as minhas conclusões, reflectia sobre os contributos que ela poderia oferecer para a minha formação pessoal e profissional. Deste modo, este irá espelhar as experiências mais significativas vivenciadas neste estágio, bem como, as reflexões que decorreram das mesmas.

Este relatório encontra-se organizado em seis capítulos. O primeiro capítulo é composto por uma contextualização da minha formação e um enquadramento da educação pré-escolar em Portugal. O segundo capítulo, diz respeito à caracterização da instituição e do grupo. No terceiro capítulo encontram-se espelhadas as minhas primeiras semanas onde refiro o meu primeiro dia de estágio, a organização do tempo e a organização do espaço. O quarto capítulo refere-se ao uso dos instrumentos de avaliação utilizados ao longo do estágio, nomeadamente, o instrumento de avaliação da prática educativa e o Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC). De seguida, o quinto capítulo representa a minha actuação prática. Neste espelhei a minha actuação prática através do uso de planificações e do uso da metodologia de projecto. Por último, o sexto capítulo refere-se às minhas considerações finais.

A black and white photograph of footprints in sand, with the text 'CAPÍTULO I CONTEXTUALIZAÇÃO' centered over it.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Ingressar na Escola Superior de Educação de Coimbra foi o avançar mais um passo neste grande sonho que possuo desde criança, ou seja, ser Educadora de Infância.

Quando ingressei, apanhei a implementação da Processo de Bolonha. O processo de Bolonha veio “acabar” com o curso de Educação de Infância, passando a ter a designação de Educação Básica. Com o Processo de Bolonha pretende-se que haja mais aprendizagens e um contacto maior entre os três ciclos de ensino (Educação Pré-escolar, 1º CEB e 2º CEB). Assim, os três primeiros anos de ensino constituíram o meu 1º ciclo de formação que me conferiu o grau de licenciada e me permitiu o acesso ao mestrado profissionalizante de habilitação para a docência, neste caso, ao Mestrado de Educação Pré-escolar.

Ao longo destes três primeiros anos fui tendo diversas unidades curriculares que promoveram o desenvolvimento de competências cognitivas, afectivas e sociais essenciais à minha autonomia, inovação e mudança. Também, fui realizando diversos estágios nos diferentes níveis de ensino. Apesar de na altura me ter sentido um pouco perdida, hoje considero que estes foram fundamentais para compreender outras realidades educativas e para possuir ainda mais certezas que esta é a área onde quero desempenhar a minha actividade profissional. Por isso, escolhi frequentar este mestrado. Este mestrado permitiu-me realizar um estágio com duração de 8 meses e com uma periodicidade de três dias por semana (4ª, 5ª e 6ª feira). Nos restantes dias, frequentei unidades curriculares que me permitiram aprofundar/adquirir novos conhecimentos e novas competências e, principalmente, esclarecer dúvidas em relação ao estágio.

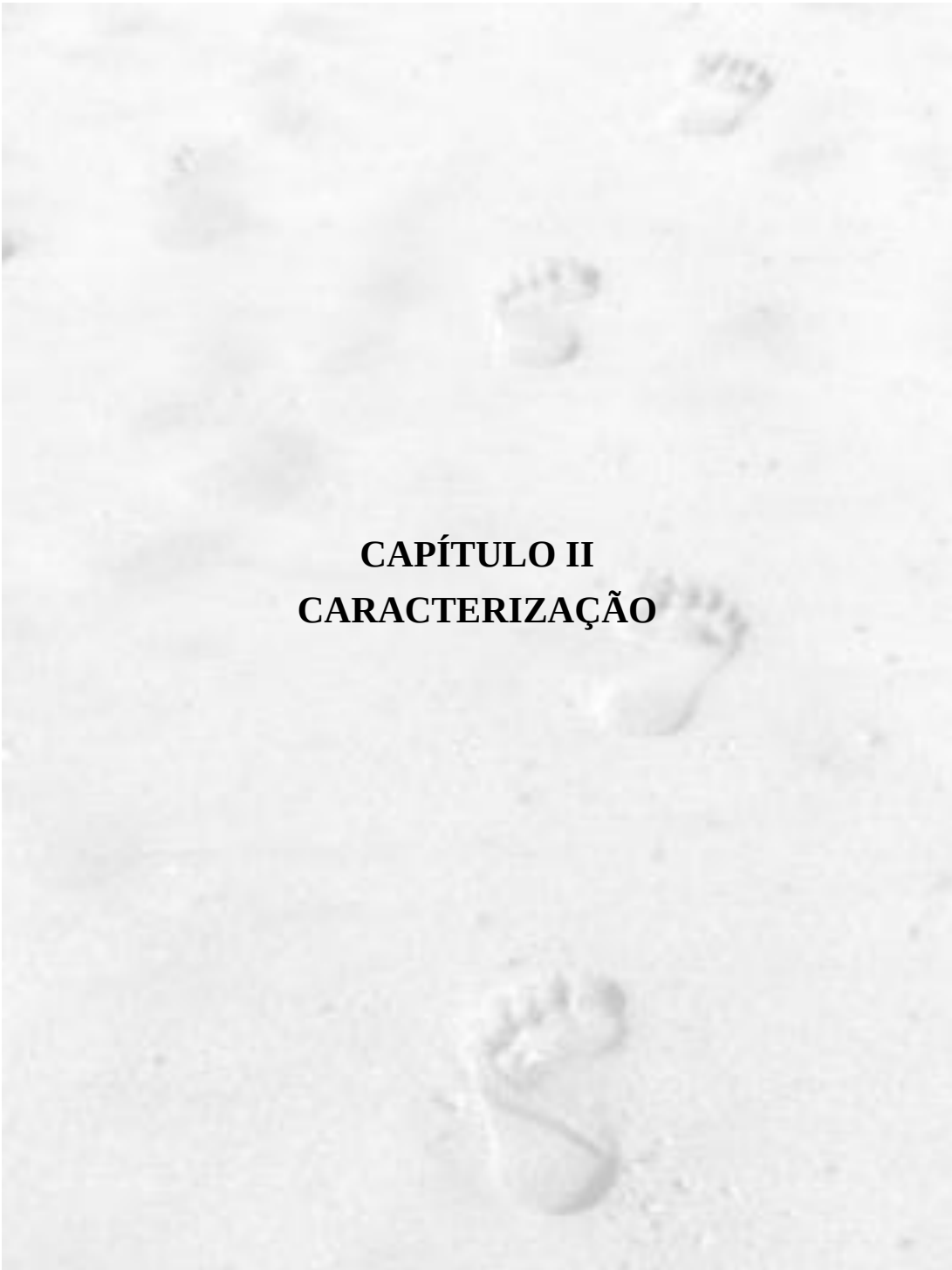
Em Portugal, segundo o decreto de lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro, estabelece com princípio geral que a Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família com a qual deve estabelecer estreita cooperação. Esta destina-se às crianças

com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico (6anos). Assim, deve favorecer a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. A sua frequência é facultativa, pois reconhece-se que é a família a primeira responsável pela educação dos filhos. Mas, o estado deve contribuir para a universalização da oferta da educação pré-escolar. Assim, estabeleceram-se como objectivos da educação pré-escolar a promoção do desenvolvimento pessoal e social da criança, a fomentação da inserção da criança em grupos sociais diversos, a contribuição para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem, a estimulação do desenvolvimento global de cada criança através do respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas, o desenvolvimento da expressão e da comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo, o despertar a curiosidade e o pensamento, o proporcionar a cada criança situações de bem-estar e segurança, o proceder à despistagem de inaptações, deficiências e precocidades e incentivar a participação das famílias no processo educativo de modo a estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

Continuamente, tendo em conta os objectivos e o princípio geral enunciados anteriormente organizou-se as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, Despacho nº 5220/97 de 10 de Julho). Estas constituem um conjunto de princípios gerais que apoiam o educador nas suas tomadas de decisões sobre a sua prática, ou seja, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças. Assim, vinculam a intencionalidade do processo educativo. Contudo, o educador deve ter sempre em conta os objectivos gerais enunciados na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, a organização do ambiente educativo, as áreas de conteúdo definidas nas OCEPE, a continuidade e a intencionalidade educativas.

Deste modo, segundo o decreto de lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto o educador de infância deve conceber e desenvolver o seu respectivo currículo, através da planificação, da organização e da avaliação do ambiente educativo, bem como das

actividades e dos projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas. Todavia, nunca deve esquecer a mobilização do conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão, da comunicação e do conhecimento do mundo.

A black and white photograph of footprints in sand, serving as a background for the chapter title. The footprints are arranged in a path that leads from the top right towards the bottom left, with some prints being more distinct than others. The sand has a fine, granular texture.

CAPÍTULO II CARACTERIZAÇÃO

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1 Caracterização da Instituição

A Creche e Jardim-de-infância onde desenvolvi a minha prática educativa situa-se numa comunidade urbana, no centro do país e destina-se aos filhos dos funcionários. Abre às 7h30m e encerra às 18h30m. Todavia, a recepção das crianças é realizada até às 9h30 e foi inaugurada a 25 de Abril de 2003 envolvendo instalações espaçosas e pautadas pela qualidade.

Com um total de 8 salas, tem capacidade para receber 185 crianças (desde os 4 meses aos 5 anos). O edifício é constituído por três pisos: o nível da cave (pisso 0) que destina-se fundamentalmente a arrecadações, instalações sanitárias de serviço, sala polivalente e sala da caldeira; o piso 1 que é ocupado com a área administrativa e serviços de apoio, como o refeitório, dormitórios e entrada principal com um palco de apoio às festas desta Instituição; o piso 2 onde ficam as salas da creche (ala esquerda), do Jardim-de-infância (ala direita) e alguns gabinetes (educadoras e sala de isolamento).

A qualidade e o bem-estar são preocupações notórias nas divisões amplas, na dignidade dos diversos espaços de apoio e nos materiais utilizados. Destina-se a proporcionar um espaço de acolhimento em ambiente educacional e recreativo, durante o período normal de trabalho dos pais.

A Instituição apresenta-se organizada da seguinte forma:

- *Creche* com capacidade para 60 crianças. Destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 4 meses de idade e os 36 meses e compreende: Berçário I – para crianças a partir dos 4 meses de idade e nascidas até 31 de Dezembro do ano em curso; Berçário II – para as crianças com 12 meses de idade até 31 de Dezembro do ano em curso; Sala dos 2 anos – para crianças com 24 anos de idade até 31 de Dezembro do em curso;

- *Jardim-de-infância* com capacidade para 185 crianças. Destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos de idade e os 5 anos e compreende duas salas dos 3 anos, duas salas dos 4 anos e uma sala dos 5 anos.

2.1.1 Componente Educativa/ Social

A Instituição tem por objectivos a assistência materno-infantil e a Educação pré-escolar, tendo em vista: assegurar as condições básicas que favoreçam um desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, colaborar com as famílias na educação e promoção da saúde infantil e proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário – condição básica da Educação pré-escolar.

O Jardim-de-infância tem como actividades curriculares a expressão musical e a expressão motora. Contudo, estas são desenvolvidas por professores formados nessas áreas.

Em relação ao enriquecimento extra curricular as actividades são a natação, o inglês e o ballet, dinamizadas por professores com formação adequada. Estas são pagas à parte, sendo da responsabilidade dos pais ou encarregados de educação a escolha das mesmas.

2.1.2 Aspectos Curriculares Gerais

O tema do Projecto Educativo é “Vitória, vitória, vamos ouvir uma história”. Este teve início no ano lectivo 2009/2010 e possui uma validade de 3 anos lectivos. Foi realizado por toda a equipa da acção educativa e direcção. Este teve como principais preocupações dar resposta às necessidades das crianças, às expectativas dos pais e de toda a comunidade envolvente. Pois, segundo a Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar o projecto educativo deve “...*permitir a auto-organização da escola com a finalidade de responder às necessidades de desenvolvimento de desenvolvimento interno do estabelecimento, tendo, simultaneamente, em conta as necessidades da comunidade em que está inserido.*” (1998 p.109).

2.2 Caracterização do Grupo

O grupo é constituído por 20 crianças, sendo 13 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Algumas destas crianças têm já três anos feitos, as outras completarão os 3 anos até ao final Dezembro.

O nível socioeconómico a que estas crianças pertencem é um nível médio e médio alto, sendo notório o seu nível sociocultural através do seu desenvolvimento, higiene, autonomia e linguagem.

A maioria destas crianças reside na cidade ou arredores.

O grupo é constituído na sua maioria por filhos de profissionais na área da saúde, engenharia, administração e secretariado.

Posso ainda referir que este apresenta algumas diferenças de desenvolvimento devidas às diferenças de meses nas idades, às diferentes experiências vividas por cada criança e ao nível diferenciado das capacidades adquiridas. Diferem ainda nos centros de interesses, na motricidade fina e na garatuja. Estas crianças estão bem desenvolvidas a nível da linguagem (receptiva e expressiva). Contudo, existem algumas crianças que necessitam de mais apoio, pois possuem algumas dificuldades articatórias.

Relativamente às preferências deste grupo foi-me possível identificar o gosto pela área de expressão plástica, nomeadamente, a pintura, o desenho e a modelagem. Também é notória a sua preferência pela área de expressão dramática (jogo dramático/imitação). No jogo de imitação é visível a preferência das meninas pela área das bonecas, a cozinha, o quarto e a arca das trapalhadas. Nos rapazes é visível o seu interesse pelos carros, os comboios, os jogos e as bolas. Contudo, a música, a dança e as canções são do agrado de todos. Todavia, também gostam das actividades no exterior (nos baloiços, no campo e no jardim), de histórias lidas, mimada, da leitura de imagens, de desfolhar revistas e livros.

Quanto às características a nível emocional e comportamental são crianças alegres, bem-dispostas, de grande vivacidade, participativas, curiosas e interessadas, aderem com facilidade às diferentes actividades propostas quer pela educadora quer

pelas auxiliares. Iniciaram já o contacto com as canetas de feltro e com o estojo que cada um trouxe. Assim, as crianças já possuem um conhecimento das regras para o uso de materiais, para a forma de os arrumar e para o funcionamento dentro da sala de aula.

Atentas a mudanças gostam de mostrar o que têm de novo e manifestam gosto quando os colegas apresentam novidades. Também, demonstram estar atentos quando os colegas e os adultos manifestam alterações comportamentais e físicas.

A black and white photograph of footprints in sand, serving as a background for the chapter title. The footprints are arranged in a path that leads from the top right towards the bottom left, with some prints being more distinct than others. The sand has a fine, granular texture.

CAPÍTULO 3
AS MINHAS PRIMEIRAS SEMANAS

3. AS MINHAS PRIMEIRAS SEMANAS

3.1 O Meu Primeiro Dia

“Hoje foi o meu primeiro dia de estágio no jardim-de-infância. Fomos recebidas pela Coordenadora da Instituição que nos mostrou as instalações da mesma e nos encaminhou às respectivas Educadoras Cooperantes. A coordenadora demonstrou ser muito amável e mostrou a sua disponibilidade para o que fosse necessário.” (Notas de campo, 10 de Novembro de 2010)

Neste primeiro dia de estágio senti-me muito nervosa e ansiosa para conhecer o grupo com o qual iria estagiar e a Educadora Cooperante que nos iria orientar e ajudar durante os próximos meses.

A minha Educadora Cooperante revelou-se muito simpática, bastante amável e acessível. Começou por nos apresentar às crianças dizendo-lhes que éramos Educadoras Estagiárias e que íamos estar presentes três dias por semana (Quarta, Quinta e Sexta-feira) com elas e que deviam respeitar-nos da mesma forma que respeitam todos os adultos da sala. Terminada esta apresentação, solicitou às crianças que se apresentassem. Algumas permaneceram muitas tímidas mas outras não. Estes dois aspectos de apresentação foram muito importantes, pois senti que a educadora nos aceitou muito bem e quis que fizéssemos parte do dia-a-dia daquelas crianças.

Assim, posso referir que me senti segura e confiante para iniciar este caminho pois, as instalações são muito acolhedoras, a educadora cooperante muito amável e o grupo de 3 anos muito simpático. Mas, ainda me senti um pouco nervosa e com alguma ansiedade com receio de vir, futuramente, a sentir dificuldades na gestão do grupo, na organização da sala, na organização de actividades estimulantes e ricas e no controlo da gestão do tempo. Contudo, com esperança de superar estes receios e o sentimento que me predomina é a vontade de aprender cada vez mais.

3.2 Organização do Tempo/Rotinas

“Nestes primeiros dias pude observar que a rotina da minha sala é composta pelo acolhimento, higiene, conversa na manta, organização do trabalho por grupos ou individual, concretização da actividade, momentos livres, higiene para o almoço, almoço, momento da higiene, repouso, apresentação pessoal (vestir, calçar), higiene para o lanche, lanche, momento de higiene e actividades livres.” (Notas de campo, 12 de Novembro de 2010)

Segundo Zabalza *“a rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala”* (1987 p. 169). Esta torna-se essencial na estruturação do contexto educativo, pois transmite à criança uma liberdade de movimentos e segurança, permitindo-lhe conhecer o contexto educativo e libertando-a da ansiedade que sente sobre o que vai acontecer a seguir. Deste modo, ao conhecer as rotinas diárias a criança compreende melhor o tempo, aprendendo a existência de fases, o nome dessas fases e o seu encadeamento sequencial, ou seja, o que acontece antes, o que acontece depois e o que faz em cada momento. Continuamente, ajuda a criança a possuir uma melhor visão mental da estruturação das actividades.

Assim, pude compreender que cada educador em função da organização do seu espaço, do projecto educativo que quer desenvolver e das características do seu grupo desenvolve a sua própria rotina.

3.3 Organização do Espaço

3.3.1 Espaço Interior

“O espaço da sala está organizado de acordo com algumas indicações fornecidas pelo MEM, adaptadas à realidade educativa. Deste modo, a sala integra algumas áreas que se encontram dispostas à volta de um espaço central, onde se encontram disponíveis um conjunto de mesas. Assim, à volta desse espaço, existe o

espaço dedicado a actividades de expressão plástica, o espaço dos jogos, dos brinquedos (carros) e do faz de conta (casinha das bonecas), o espaço destinado à matemática, à biblioteca e aos disfarces.” (Notas de campo, 12 de Novembro de 2010)

Segundo o Modelo Curricular de Educação Pré-escolar do Movimento da Escola Moderna (MEM) a escola é vista como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Assim, juntamente com os educadores, as crianças deverão criar condições materiais, afectivas e sociais para organizarem um bom ambiente institucional. Desta forma, a organização do espaço torna-se fundamental para propiciar o desenvolvimento dessas práticas e desenvolver a autonomia das crianças. Assim, pude compreender que o espaço educativo foi organizado com a participação activa das crianças, que se encontra estruturado de forma a permitir às mesmas a escolha do que querem fazer e que as áreas encontram-se aproximadas o mais possível dos espaços sociais reais (Formosinho, Lino e Niza 2007 p. 127). Pois, *“O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam o espaço, como este está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das actividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo.”* (OCEPE, 1999 p. 38).

Contudo, o papel da reflexão torna-se indispensável, pois torna-se crucial que o educador, juntamente com o seu grupo, vá reflectindo se estes continuam a estar funcionais, se continuam a estar adequados ao espaço e se estão a corresponder às necessidades do grupo. Pois, *“A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo”* (OCEPE, 1997 p. 38).

3.3.2 Espaço Exterior

“No espaço exterior pude observar a existência de um terraço em frente à sala sem cobertura por isso, não o frequentam com regularidade na altura do Inverno e a existência de um jardim em frente à instituição composto por baloiços, escorregas e um campo. Considero que este também dispõe de boas dimensões para o desenvolvimento de qualquer tipo de actividade onde as crianças podem brincar, explorar e recriar.” (Notas de Campo, 12 de Novembro de 2010)

O espaço exterior oferece também muitas oportunidades e vivências educativas porque *“possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de actividades informais.”* (OCEPE, 1997 p. 39). Assim, um educador ao planear as suas acções educativas deve ter em conta também o uso deste espaço porque oferece uma grande diversidade de actividades educativas. Contudo, este dá uma grande liberdade ao aluno de recriar situações informais, de explorar o mundo que o rodeia. Nesta situação o educador pode intervir e envolver-se na brincadeira da criança ou pode ficar a observar a brincadeira da criança. (OCEPE, 1997 p. 39).

3.4 Envolvimento Parental no Jardim-de-Infância

“Ao longo destas primeiras semanas pude observar que existe um envolvimento muito grande entre os pais e a educadora no que diz respeito ao processo educativo dos seus filhos. Assim, existe o contacto diário nas horas de chegada e saída das crianças nos quais são estabelecidas conversas informais. Também, sempre que necessário existem conversas telefónicas sempre que os pais desejem esclarecer algum assunto. Porém, também existem reuniões de pais sempre

que a educadora ache necessário. Estas são realizadas num horário que permita aos pais estarem presentes.” (Notas de campo, 2 de Dezembro de 2010)

“A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (OCEPE, 1997 p. 43). Assim, este envolvimento dos pais no processo educativo dos seus filhos é muito importante e essencial para os educadores porque permite conhecer melhor a criança, conhecer alguns pormenores que se poderiam tornar pouco perceptíveis e obter uma melhor visão da realidade familiar da criança. Desta forma, tendo a ajuda e a cooperação da família, o trabalho do educador também se pode tornar mais satisfatório na medida em que os pais podem partilhar as características dos seus filhos, os seus gostos, hábitos e particularidades. Por sua vez, os educadores deverão informar os pais sobre a vivência diária e os progressos feitos pela criança.

Desta forma, esta cooperação entre a educadora e os pais deve contribuir para melhorar os resultados escolares e criar uma boa relação de informação e comunicação sobre o desenvolvimento das crianças.

3.5 Acto de Brincar

“Nestas primeiras semanas pude observar as crianças a brincarem e o tipo de brincadeiras que gostam de realizar. Pude analisar que gostam muito de brincar na casinha das bonecas, no cantinho dos disfarces e na cozinha. Assim, pude verificar que através destas brincadeiras representam diversos papéis permitindo-lhes, espontaneamente, desenvolver muito a linguagem com diálogos que vão criando.” (Notas de Campo, 3 de Dezembro de 2010)

Catherine Garvey afirma que *“Brincar é um comportamento muito frequente em períodos de expansão intensa do conhecimento de si próprio, do mundo físico, social e dos sistemas de comunicação; o que nos pode levar a supor que a actividade lúdica está intimamente relacionada com estas áreas do desenvolvimento.”* (citado por Roque & Rodrigues, Cadernos de Educação de Infância n.º 75, 2005). Assim, através do brincar a criança desenvolve, sem se dar conta, inúmeras competências, nomeadamente, a imaginação, a criatividade, capacidades motoras, capacidades linguísticas e aprende a lidar com as emoções.

Em todas as brincadeiras as crianças têm consciência que estão a praticar algo diferente, por exemplo, no faz de conta a criança tem consciência que está a desempenhar identidades diferentes da sua. É capaz de encenar e criar situações do seu quotidiano, situações de histórias infantis, situações de dramas, entre outros, desenvolvendo a sua imaginação, a sua criatividade, as suas aptidões verbais e a cooperação com os colegas. O uso de objectos nas brincadeiras espontâneas, também, ajuda a criança na interacção com as outras, na resolução de conflitos, na cooperação e na partilha. Através destes, a criança também pode expressar os seus pensamentos, as suas ideias e as suas emoções. Os jogos também possuem um papel muito importante no acto de brincar pois, através destes as crianças aprendem o conceito de regras, a lidar com as mesmas, a autocontrolar-se, a cooperar e a lidar com a competição. Sem dúvida, que o brincar torna-se uma condição essencial para o desenvolvimento da criança, pois ao brincarem as crianças reflectem e exploram a realidade e a cultura onde estão inseridas. (Roque & Rodrigues, 2005).

Este acto também é considerado uma forma de linguagem porque permite à criança comunicar com os outros e compreender o que a envolve (Roque & Rodrigues, 2005).

Posso concluir que o acto de brincar é um acto pedagógico pois, através deste, a criança desenvolve inúmeras competências e aprende a adaptar-se ao mundo que a rodeia.

A black and white photograph of footprints in sand, with the text overlaid in the center. The footprints are arranged in a path that leads from the bottom towards the top of the frame, suggesting a journey or progression. The sand is light-colored and the footprints are dark, creating a clear contrast.

CAPÍTULO IV
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA
EDUCATIVA

4. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA

“A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa (...)” (Circular n.º 4/DGIC/DSDC/2011) pois, esta é crucial para o educador reajustar a sua prática. Através desta consegue perceber se a sua acção educativa se encontra adequada às necessidades do seu grupo e se estes estão a atingir os objectivos que propôs fazendo, assim, a sua auto-avaliação.

Todavia, o educador também deve ter presente que a avaliação com as crianças é muito importante porque em conjunto poderão encontrar melhores caminhos. Assim, reflectindo sobre a avaliação e sobre as observações que vai realizando, o educador poderá estabelecer uma progressão nas actividades propostas ao grupo, ou seja, vai propondo tarefas mais desafiadoras de forma a mantê-las motivadas e implicadas. Assim, ao planificar o educador tem sempre presente as avaliações que vai realizando (OCEPE, 1997 p. 27). Mas, nunca deve esquecer que esta assume uma dimensão formativa, ou seja, ajuda a criança a tomar consciência da sua aprendizagem (Circular n.º 4/DGIC/DSDC/2011).

4.1 Instrumento de Avaliação

“No âmbito da unidade curricular Prática Educativa realizámos em conjunto um instrumento de avaliação da prática educativa para colocarmos em prática na primeira fase.” (Notas de campo, 19 de Dezembro de 2010)

Reflectindo sobre a utilização deste instrumento posso referir que este foi um importante auxílio de avaliação da prática Educativa de alguns aspectos essenciais do ambiente educativo. Todavia, ao analisar estes três instrumentos que preenchi durante este período de observação posso referir que foi complicada a sua realização pois,

como estávamos na época natalícia, as actividades foram feitas com um determinado objectivo. Assim, esta é uma altura do ano em que é necessário fazer determinadas actividades observáveis para que fiquem em exposição, nomeadamente, adornos de natal. Por isso, penso que o preenchimento destas tabelas nesta época pode não corresponder na totalidade à verdadeira prática utilizada pela educadora.

Relativamente à elaboração das planificações, não observei a participação das crianças na elaboração das mesmas. Contudo, verifiquei frequentemente a articulação entre as diversas áreas de conteúdos nas diferentes actividades, a sua flexibilidade, bem como, a sua continuidade educativa.

Na maioria das vezes, as actividades foram realizadas individualmente, em pequeno grupo e em grande grupo. Enquanto uma criança realizava a actividade as outras brincavam livremente pelos cantinhos da sala.

Contudo, a maioria das actividades observadas foram maioritariamente da iniciativa da educadora embora adequadas à planificação prevista.

Outro dos parâmetros contemplados no instrumento refere-se ao espaço. Assim, pude observar que as crianças dispõem de um espaço exterior grande. Este é constituído por um grande terraço em frente à sala sem qualquer tipo de cobertura, por isso, as crianças não o frequentam com regularidade na altura do Inverno. Assim, as actividades desenrolam-se dentro da sala de actividades e, por vezes, dirigem-se aos corredores e ao palco que se situa na entrada do jardim-de-infância para libertarem as suas energias. Contudo, quando está bom tempo dirigem-se para o terraço anteriormente referenciado e para o jardim existente em frente à instituição, o qual é composto por baloiços, escorregas e um campo. Considero que esta também dispõe de boas dimensões para o desenvolvimento de qualquer tipo de actividade.

Em relação aos materiais, nas observações que realizei constatei que estes foram bastante diversificados pois, também nos encontrávamos numa altura em que utilizámos todo o tipo de material para elaborar as actividades. Estes encontram-se acessíveis às crianças, pois estas podem sempre que necessitar utilizá-los, desde que cumpram as regras de utilização.

Todavia, observei que existe uma boa cooperação entre a equipa educativa, pois as educadoras reúnem-se frequentemente para esclarecerem as suas dúvidas e planificarem os temas que irão trabalhar. Embora, algumas actividades possam ser diferentes de sala para sala o tema é sempre comum.

Dentro da sala existe uma boa relação entre a educadora e as auxiliares e vice-versa.

Por último, no que diz respeito à avaliação não observei uma avaliação realizada com as crianças nem nenhuma avaliação das actividades realizadas. Contudo, numa conversa com a educadora, esta mostrou-me e explicou-me que utiliza a agenda do educador para registar as suas avaliações.

Todavia, apesar de ter observado estes dados, estes não são concretos pois, este instrumento que construímos não está clarificável. Ou seja, a escala que construímos não se adequa a algumas afirmações que definimos. Para essas afirmações que construímos deveríamos ter construído uma escala de resposta dicotómica (Sim, Não).

4.2 Sistema de Acompanhamento de Crianças

“No âmbito da unidade curricular Prática Educativa foi-nos proposto a utilização do SAC (Sistema de Acompanhamento de Crianças) nas próximas semanas” (Notas de campo, 30 de Novembro de 2010)

O SAC (Sistema de Acompanhamento de Crianças) é um instrumento de apoio à prática pedagógica do educador de infância pois, *“oferece ao educador uma base para avaliação e desenvolvimento do currículo na sua prática quotidiana, com base num ciclo contínuo de observação, avaliação, reflexão e acção, considerando o bem-estar, implicação/envolvimento, aprendizagem e desenvolvimento das crianças como dimensões norteadoras de todo o processo.”* (Portugal, 2010 p. 74).

Este organiza-se em ciclos de observação, reflexão e acção e cada ciclo é composto por 3 fases. Cada fase contém uma ficha específica para que toda a informação fique documentada sendo que todas se interligam. Deste modo, a fase 1 (Ficha 1G) destina-se à avaliação, a fase 2 (Ficha 2G) corresponde a uma fase de análise e reflexão e a fase 3 (Ficha 3G) destina-se à definição de objectivos e iniciativas. Terminada esta fase, inicia-se um novo ciclo através de uma nova avaliação de todas as crianças, do contexto, enunciando novos objectivos e assim sucessivamente. (Portugal, 2010 pp. 74-75)

4.2.1 Ficha 1G ¹

“No âmbito da unidade curricular Prática Educativa foi-nos proposto colocar em prática a Ficha 1G que nos permite efectuar um diagnóstico geral do grupo tendo em conta os níveis de bem-estar e de implicação durante um determinado período pois, não é suficiente preencher só uma ficha. Assim, atribui-se um nível de um a cinco a cada criança tendo em conta a impressão geral que vai demonstrando em diversos momentos de actividades de modo a compreender/identificar crianças que necessitem de apoio adicional ou se as suas intervenções terão que ser modificadas.”
(Notas de campo, 2 de Dezembro de 2010)

Observando o conjunto de registos que fui realizando e reflectindo sobre os mesmos posso referir que a utilização desta ficha foi muito importante, pois permitiu-me conhecer melhor todas as crianças do grupo com que estou a estagiar. Isto deve-se ao facto de focalizar um tempo específico para cada criança e observar com um olhar mais atento o seu nível de implicação e de bem-estar. Assim, pude reter e observar o tipo de actividades que gostam mais de realizar, quais os espaços onde se sentem melhor, quais os jogos que gostam mais de realizar, entre outros.

¹ Ver anexo n.º 1

Laevers define bem-estar emocional como *“um estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia. Isto porque a situação conjuga-se com as suas necessidades, a pessoa tem um autoconceito positivo e está bem consigo própria”* (citado por Portugal, 2010 p. 20)

Todavia, a implicação influencia a motivação, ou seja, podemos observar se uma criança encontra-se implicada pela sua concentração na realização da actividade, pelo seu interesse pela mesma, pela sua abertura a estímulos ou pela sua energia (Portugal & Laevers, 2010 p. 25).

Desta forma, os níveis de implicação e de bem-estar fornecem ao educador o feedback da qualidade da actividade que a criança está a realizar ou da situação que esta está a vivenciar. Ou seja, se estes dois níveis estão elevados o educador pode perceber que o desenvolvimento está a decorrer em boas condições. Contudo, se estes permanecerem em baixos níveis o/a educador/a deve intervir o mais rapidamente possível de forma a auto-avaliar-se e avaliar se a actividade encontra-se adequada às características do seu grupo e do espaço onde esta está a ser realizada.

É muito importante que o/a educador/a vá avaliando estes níveis pois, *“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”* (OCEPE, 1997 p. 27).

Sem dúvida, que a utilização desta ficha constituiu um óptimo instrumento de trabalho para as minhas futuras intervenções. Pois, assim, poderei aperceber-me se o grupo está a corresponder às minhas expectativas, se terei que mudar a estratégia que estarei a utilizar ou se estou a corresponder às expectativas destes.

Em suma, como futura educadora o conhecimento desta ficha e a oportunidade de a colocar em prática foi muito importante pois, pude perceber o seu grau de eficácia na avaliação das crianças.

4.2.2 Ficha 2G ²

“No âmbito da unidade curricular Prática Educativa foi-nos proposto continuar a utilizar o SAC e colocar em prática a ficha 2G. Esta permite efectuar uma abordagem mais dirigida ao contexto educativo em geral tendo em conta o que está a correr bem e o que nos preocupa. Deste modo, ajuda-nos a reflectir sobre o grupo e o contexto.” (Notas de campo, 18 de Janeiro de 2011)

Reflectindo sobre o preenchimento desta ficha posso referir que esta ajudou-me a reflectir sobre os aspectos positivos e negativos, sobre o clima do grupo, sobre as condições do espaço oferecidas às crianças, sobre a organização dos dias e sobre o relacionamento dos adultos com as crianças. Percebi que todos estes aspectos são importantes para o bom desenvolvimento das crianças e das nossas práticas e que é essencial escutarmos as suas opiniões e as suas necessidades.

Este aspecto de escutarmos as opiniões das crianças e as suas necessidades é muito importante pois, assim, conseguiremos corresponder às necessidades e curiosidades de cada criança e iremos conseguir criar um clima de grupo muito bom porque estes irão estar a realizar actividades dos seus interesses.

Todavia, através deste escutar as crianças e dialogar com as mesmas, iremos conseguir estabelecer uma relação muito próxima com a criança. Assim, também conseguiremos reflectir sobre a nossa prática, ou seja, realizar a nossa própria auto-avaliação.

Na minha opinião, esta ficha ajuda bastante os/as educadores/as a reflectir a sua prática e avaliá-la.

Reflectirmos sobre a nossa prática ajuda-nos a crescer enquanto profissionais pois, poderemos detectar falhas e erros que poderemos vir a alterar e corrigir. Um educador que reflecta sobre a sua prática irá conseguir realizar e desempenhar um

² Ver anexo n.º 2

trabalho mais rico e interessante porque desenvolverá novas maneiras de pensar, de agir, de compreender e de equacionar os problemas da sua prática. Ou seja, de modo consciente irá direccionar a sua prática.

Em jeito de conclusão, tanto o preenchimento da Ficha 1G como o preenchimento desta ficha ajudaram-me a conhecer o grupo, os seus gostos, os seus interesses/motivações, as suas curiosidades, as suas necessidades, sobre as condições do espaço que os rodeia e, principalmente, a reflectir bastante sobre estes aspectos.

4.2.3 Ficha 3G³

“No âmbito da unidade curricular Prática Educativa foi-nos proposto continuar a utilizar o SAC e colocar em prática a ficha 3G. Esta permite-me reconhecer os aspectos que podem ser modificados e melhorados, elaborando, assim, um plano de intervenção com medidas concretas de forma a melhorar qualitativamente o contexto” (Notas de campo, 8 de Março de 2011)

Reflectindo sobre o preenchimento desta ficha posso afirmar que reflecti bastante pois, para a preencher tive que reflectir sobre o que escrevi na ficha 2G, sobre o que mudou e o que não mudou até ao momento e pensar nas iniciativas e acções que quero desenvolver para alcançar as necessidades de mudança.

Através deste preenchimento pude reflectir sobre os aspectos que se podem enriquecer ou reformular. Também pude delinear um plano de intervenção com medidas concretas a desenvolver e a implementar. Assim, através dos pontos que assinaliei na ficha 2G e tendo em conta o que se alterou consegui avaliar e registar intervenções educativas consoante as necessidades e potencialidades do grupo.

Estas acções/iniciativas que registei trata-se de uma planificação que realizei através de uma reflexão sobre as minhas intenções educativas. Segundo as OCEPE

³ Ver anexo n.º3

“Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (1997 p. 26)

Com o preenchimento destas 3 fichas (Ficha 1G, Ficha 2G e Ficha 3G) pude constatar que são um instrumento de avaliação e reflexão que ajudam muito o/a educador/a na sua prática. Pois, estas perfazem um ciclo muito importante. Este é constituído pela observação, pela reflexão e pela acção. Ou seja, através da primeira ficha observei as crianças. Com o preenchimento da segunda ficha reflecti sobre o contexto educativo. Agora, com a realização desta pude delinear acções e iniciativas para corresponder às necessidades que verifiquei e reflecti ao longo da ficha 2G.

Concluindo, o preenchimento desta ficha foi uma mais-valia para continuar a desempenhar a minha prática da melhor forma. Pois, pude reflectir sobre iniciativas e acções a desenvolver tendo em conta a oferta educativa, o clima do grupo, o espaço para iniciativa, a organização e o estilo do adulto.

4.2.4 Ficha 1G: Avaliação Final ⁴

“Terminado o preenchimento da ficha 1G, 2G e 3G foi-nos proposto realizar uma nova avaliação de todas as crianças através do preenchimento de uma nova ficha 1G. Desta forma, com os nossos conhecimentos prévios sobre os procedimentos da ficha e das características gerais do grupo foi-nos proposto desenvolvermos novas observações sobre os níveis de bem-estar e de implicação do grupo.” (Notas de Campo, 23 de Maio de 2011)

⁴ Ver anexo n.º4

Reflectindo sobre a utilização desta ficha posso mencionar que esta foi muito importante pois, pude realizar uma avaliação geral e individual do meu grupo tendo em conta os níveis de bem-estar e de implicação.

Na minha opinião, um educador deve ter sempre em conta estes dois níveis nas avaliações que vai realizando ao longo do seu ano lectivo porque estes fornecem muita informação do estado emocional e desenvolvimental do aluno.

Torna-se crucial que um educador realize sistematicamente uma avaliação pois, esta é um elemento regulador da prática educativa, uma vez que, permite-nos recolher informações cruciais para melhorarmos a nossa prática educativa e, também, correspondermos às necessidades do grupo. Aqui, também, encontra-se presente o papel da reflexão pois, não é suficiente que um educador faça sistematicamente uma avaliação e depois não reflecta sobre os dados recolhidos nessa avaliação. Por isso, é muito importante que a seguir à avaliação o educador reflecta sobre a mesma pois, só assim conseguirá auto avaliar-se e estabelecer uma progressão nas actividades que apresenta ao grupo ou a cada criança, de forma a corresponder às evoluções que este vai demonstrando, às necessidades e aos interesses do mesmo.

Por isso, em jeito de conclusão, o preenchimento desta ficha ajudou-me muito a reflectir sobre os efeitos da minha prática fazendo, assim, a minha auto-avaliação e, também, ajudou-me a compreender a evolução que o grupo demonstrou até ao momento.

CAPÍTULO V
A MINHA ACTUAÇÃO PRÁTICA

5. A MINHA ACTUAÇÃO PRÁTICA

5.1 Planificação ⁵

Uma das minhas primeiras formas de actuar foi através do uso de planificações. *“Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.”* (OCEPE, 1997 p. 26). Assim, o educador deve pensar o que quer desenvolver e como quer desenvolver pensando em actividades estimulantes e adequadas às características do seu grupo, assim como nos recursos materiais que irá necessitar. Deste modo, cada educador possui o seu estilo próprio de planificar de acordo com a pedagogia educacional que se rege, com o ambiente educativo que o envolve e com as características do seu grupo.

Assim, a planificação serve como um guia da acção educativa do educador para chegar aos objectivos que se propôs inicialmente. Contudo, esta não deve ser estática mas, uma previsão do que se pretende desenvolver. Pois, no decorrer da mesma poderá surgir, juntamente com as crianças, outros caminhos para se chegar ao pretendido. É importante que o educador nunca se esqueça de escutar as opiniões das crianças e tê-las sempre em conta no desenvolvimento das actividades e na planificação das mesmas.

Assim, realizar uma planificação é fazer uma antevisão das actividades que se irá realizar, das estratégias que se irá utilizar, dos recursos materiais que se irá precisar, dos objectivos que se quer atingir e de que forma se irá realizar a avaliação.

Continuamente, na minha actuação prática, planifiquei por actividades. A actividade no processo ensino-aprendizagem constitui uma *“unidade de análise para compreender a realidade.”* (Vilar & Medina, 2000, p. 48). Pois, *“a tarefa educativa é constituída por um conjunto lógico de actividades que, tendo em vista determinadas*

⁵ Ver apêndice n.º 1

finalidades, configuram uma prática educativa que compromete os professores e os seus respectivos alunos.” (Vilar & Medina, 2000, p. 48). Assim, é muito importante que o educador analise, seleccione e reflita bem as actividades que quer colocar em prática tendo em conta se estas correspondem aos interesses, necessidades, motivações e nível de desenvolvimento dos alunos, se esta se adequa ao Projecto Educativo em curso e se adequa ao espaço envolvente.

Deste modo, tendo presente o Projecto Educativo da instituição “Vitória, vitória vamos ouvir uma história” e tendo em conta as considerações da educadora cooperante pude planificar as minhas actividades segundo alguns temas: Carnaval, Primavera, Dia do Pai, Alimentação, Páscoa e Dia da Mãe. Ao longo destas planificações, procurei sempre ir ao encontro dos interesses e motivações do grupo e diversificar as estratégias utilizadas pois, *“Cabe, (...) ao educador planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança...”* (OCEPE, 1997 p. 26). Um exemplo deste aspecto consiste que, na maioria das vezes, para iniciar cada tema utilizava o recurso a uma história. Contudo, recorria a variadas estratégias como o livro, as novas tecnologias, o teatro de fantoches e o teatro de sombras. Também, tentei articular sempre as áreas de conteúdo pois, é muito importante que um educador ao realizar a sua planificação não se esqueça deste aspecto.

Todavia, estas foram sempre planificações flexíveis e nunca estáticas. Desta forma, garantia sempre a sua alteração caso acontece algum imprevisto e deixando, assim, espaço às opiniões e interesses do grupo.

Na minha opinião, esta fase correu muito bem, embora existam sempre aspectos a melhorar pois, no decorrer das actividades por vezes chegamos à conclusão que se usarmos outra estratégia talvez resulte melhor. Contudo, consegui controlar bem o grupo, organizar bem a sala tendo em conta o tipo de actividades que realizei e controlar bem a gestão do tempo.

5.2 Metodologia de Projecto

5.2.1 O que é a Metodologia de Projecto

*Diz-me e eu esquecerei.
Ensina-me e eu lembrar-me-ei.
Envolve-me e eu aprenderei.*
(Provérbio Chinês)

Katz e Chard (2009) definem um projecto como a exploração em detalhe de um assunto ou tópico realizado por um grupo de crianças ou por uma criança em conjunto com o educador. Nesta metodologia a criança é considerada um agente dinâmico, criador, susceptível de construir o seu processo de conhecimentos, com base numa relação dialógica – responder – questionar. A criança aprende fazendo, apoiando-se numa dinâmica criadora, participativa. Assim, o educador proporciona oportunidades para as crianças aplicarem as suas competências.

Relativamente ao método implícito nesta metodologia, este consiste num instrumento de trabalho que se pode alterar consoante os novos valores que se adequam ao processo. Estes estão relacionados com a criatividade do grupo e com as suas motivações.

Os projectos podem prolongar-se por um período de dias ou semanas, dependendo da idade das crianças e da natureza do tópico. Pois, ao contrário das brincadeiras espontâneas das crianças, os projectos envolvem as crianças num planeamento avançado e em várias actividades que requerem a manutenção de esforço durante vários dias ou semanas (Katz & Chard, 2009).

Segundo Katz e Chard (2009) o trabalho de projecto distribui-se por três fases, nomeadamente, planeamento e início, desenvolvimento, reflexões e conclusões.

Na definição do problema um projecto pode começar de variadas formas. Alguns começam quando uma ou mais crianças demonstram interesse por alguma coisa, outros têm início quando o educador apresenta um tema ou quando esse tema é

escolhido em conjunto. Todavia, o principal desta fase é que seja um trabalho comum a todas as crianças envolvidas, a partir das informações, ideias e experiências que elas já possuem sobre o tema. Nesta fase, o educador auxilia as crianças a construir uma perspectiva comum sobre o tema e a formularem um conjunto de questões que serão o fio condutor da investigação. Devemos convidar os pais a participarem no projecto e encorajar as crianças a trazerem de casa material de pesquisa. Assim, o educador pode dividir tarefas, criar estratégias para encontrarem soluções, propor visitantes, e formular algumas perguntas iniciais. Para esquematizar as ideias do que já sabem e do que querem saber, o educador pode construir uma teia (Katz & Chard, 2009).

Na fase desenvolvimento do projecto *“o principal objectivo do educador de infância é permitir que as crianças adquiram novas informações e conhecimentos.”* (Katz & Chard, 2009 p. 104), ou seja, vão operacionalizar os conteúdos adquiridos nas pesquisas, nas saídas ao exterior, entre outras actividades. Nesta fase, o educador tem como função incentivar as crianças a usarem as suas competências.

Na fase das reflexões e conclusões a principal função do educador é ajudar as crianças a finalizarem o projecto fazendo um resumo do que aprenderam. Assim, podem organizar actividades que consolidem o conhecimento adquirido, convidando os pais ou colegas de outras salas para visitarem o trabalho realizado e contarem o que fizeram, explicando o que aprenderam e como aprenderam.

Por último, a avaliação do projecto também é importante, tanto para nós enquanto Educadoras Estagiárias, como para as crianças, pois reflectimos em conjunto sobre as competências, as técnicas, as estratégias, as predisposições e os processos de pesquisa que foram utilizados ao longo do projecto.

Assim, na minha opinião, esta metodologia parece possuir uma grande vantagem no sentido de que, vai permitir às crianças aplicarem o que estão a aprender, resolver problemas, ultrapassar obstáculos e partilhar com os seus pares as suas aprendizagens.

5.2.2 Mini Projecto “O ciclo da Água”

Tendo em conta a metodologia de projecto nasceu o mini projecto “O Ciclo da Água”. Assim, este foi um projecto direccionado para as ciências.

Penso que é da máxima importância introduzir a prática das ciências no pré-escolar, pois permite às crianças organizar ideias, representar conceitos e ideias da realidade, estruturando e organizando os seus pensamentos e conhecimentos. Pois, observando os princípios enunciados nas OCEPE podemos constatar que estes prevêm as práticas científicas com crianças pequenas, integrando a educação em ciências na área do Conhecimento do Mundo. Por isso, torna-se fundamental que as crianças desde cedo tomem percepção da realidade que as rodeia.

Deste modo, há que aproveitar a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber e compreender o que a rodeia criando novas situações de descoberta e de exploração originando formas mais elaboradas de pensamentos. Assim, temática abordada explora o desejo e a curiosidade das crianças e inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo.

Neste processo, o educador deverá apoiar e possibilitar o aprofundamento das questões facilitando a construção de conceitos mais rigorosos a partir dos saberes das crianças. Seguidamente, através da observação, é necessário verificar as “hipóteses” construídas para organizar e sistematizar os conhecimentos recolhidos.

Os principais objectivos deste projecto consistiram em que as crianças compreendessem que o ciclo da água é essencial para a renovação da água no nosso planeta, que esta é fundamental para a vida terrestre e sensibilizá-las para a importância da mesma no nosso ambiente bem como, a sua preservação. Assim, foram desenvolvidas variadas actividades para o desenvolvimento destes objectivos, nomeadamente, um teatro de fantoches, a construção de um cartaz sobre o ciclo da água, o visionamento de um filme sobre a importância da preservação da água, os

estados em que a água se encontra na natureza (sólido, líquido e gasoso). Para compreenderem estes estados, foram realizadas algumas experiências.

As crianças gostam naturalmente de aprender e sobretudo, aprender fazendo, experimentando. Por isso, devemos aproveitar as perguntas e sugestões das crianças. Foi o que aconteceu quando implementámos a experiência “Porque é que os gelados derretem?” e “Porque é que chove?”. Como estas foram ao encontro dos seus interesses, as crianças manifestaram o seu agrado pela sua realização, ou seja, gostaram de “aprender a fazer” pois, todos os passos foram demonstrados na prática. Estas foram duas das questões que inicialmente colocaram e que escrevemos na planificação em teia.

Em suma, como nunca tinha colocado em prática esta metodologia, esta vivência foi muito enriquecedora pois, pude constatar ao longo das actividades e experiências que fui realizando juntamente com a minha colega que as crianças permanecem mais motivadas, receptivas, interessadas, empenhadas, concentradas em aprender mais pois, as actividades surgiram dos seus interesses e foram ao acordo das suas necessidades. Pude constatar também que este projecto foi só uma porta que se abriu para muitas caminhos que daqui poderiam surgir.

5.2.3 Projecto “As Emoções” ⁶

O projecto “As Emoções” surgiu no âmbito da unidade curricular Prática Educativa através do visionamento de uns vídeos cuja temática era “As Emoções”. De imediato, tanto eu como a minha colega achámos que esta seria uma temática interessante e motivante para implementarmos no nosso grupo de estágio. Contudo, como não a conhecíamos-la muito bem, sentimos necessidade de realizar pesquisas para melhor desempenharmos o nosso trabalho.

⁶ Ver apêndice n.º 2

Assim, esta temática assume como objectivos principais que a criança identifique cada uma das quatro emoções básicas (alegria, tristeza, medo e raiva) e que aprenda a lidar com cada uma.

5.2.3.1 Lançamento

Tendo presente o Projecto Educativo da Instituição “Vitória, vitória, vamos ouvir uma história” decidimos conjuntamente com as colegas da sala dos 5 anos pois, estas possuíam o mesmo tema, lançar o nosso projecto através do conto da história “Os Tesouros do Arco-Íris”. Para tal, decidimos construir quatro galochas, cada uma personalizada de acordo com cada uma das emoções e um grande painel colorido com um arco-íris e um baú de forma, a que ficássemos tapadas e só se vissem as galochas.

Importa referir que ambos os grupos não sabiam quem se encontrava atrás do painel pois, só se iria ver as botas personalizadas.

Deste modo, na dramatização, encontrávamo-nos todas atrás do grande painel colorido com um arco-íris e um baú. Conforme o narrador ia contando a história iam aparecendo as personagens, nomeadamente, a galocha da alegria, a da tristeza, a do medo e a da raiva. Terminada a dramatização, ambos os grupos dirigiram-se para a sala. Seguidamente, passados uns minutos, eu e a minha colega entrámos na sala com as galochas calçadas, sentámo-nos e começámos a dialogar com o grupo como se nada tivesse decorrido. Todavia, começaram a realizar perguntas, nomeadamente, porque é que tínhamos aquelas botas calçadas pois, tinham acabado de ouvir a história no dormitório cujas personagens eram as botas. Assim, através desta dramatização proporcionámos algumas ideias-chaves ao grupo sobre esta temática e iniciámos o nosso projecto.

5.3.2.2 Fases do Projecto

Com a dramatização da história “Os tesouros do arco-íris” demos início à primeira fase do nosso projecto, ou seja, à fase do planeamento e início definida por Katz e Chard. Através da nossa chegada à sala com as botas calçadas começaram a

surgir questões pois, o grupo começou a tentar decifrar o que representava cada bota. Assim, neste diálogo explorámos a história dramatizada, bem como, as suas personagens, surgindo, o nosso problema: descobrir o que são as emoções, nomeadamente, o que é a alegria, a tristeza, o medo e a raiva. Deste modo, aproveitando este diálogo, registámos as ideias prévias que cada um continha sobre cada emoção e os interesses que demonstraram de imediato, nomeadamente, saber o que era um baú e para que servia. Assim, propusemos que, com a ajuda dos pais fossem pesquisar e nos trouxessem as suas pesquisas. Seguidamente, já com as nossas primeiras ideias definidas iniciaram a construção da nossa teia ou rede de tópicos.

Relativamente à 2ª fase, ou seja, a fase do desenvolvimento do projecto segundo Katz e Chard, começámos por explorar o baú, levando alguns para as crianças visionarem. Seguidamente, para tentarem descobrir o que era cada uma das emoções propuseram fazer uma viagem, escolhendo o comboio como meio de transporte. Assim, propuseram construir um comboio em que cada uma das carruagens representa-se uma emoção. De seguida, registámos as novas ideias na teia e começámos a construir o baú. No dia seguinte, no decorrer do diálogo percebemos que precisávamos de mais pesquisas. Assim, pedimos às crianças para pesquisarem em casa juntamente com os pais sobre o que é um comboio e sobre cada uma das emoções. Deste modo, enviámos, também, um recado para casa a informar aos pais o tema do nosso projecto e a pedir a colaboração dos mesmos. Neste diálogo, também decidimos quais as cores que iríamos pintar as nossas carruagens. Então, decidimos que a carruagem da alegria iria ser cor-de-rosa e amarelo, a da raiva de vermelho, a do medo de roxo e a da tristeza de azul. Posteriormente, através das pesquisas que trouxeram (imagens, recortes, frases, entre outras) dialogámos com as crianças de forma a debatermos ideias. À tarde, algo mágico aconteceu. Apareceu um tesouro, dentro do baú que as emoções deixaram. Este tesouro consistiu num dado mágico e veio acompanhado de uma carta com algumas instruções. Deste modo, este foi o nosso fio condutor para decidirmos qual a emoção que iríamos trabalhar nos próximos dois dias. A primeira emoção que saiu foi a alegria. Para a alegria, as crianças propuseram ouvir histórias, realizar jogos, fazer máscaras, ouvir canções e enfeitar

estrelas, corações e flores com brilhantes, tintas, tecidos, entre outros materiais. Seguidamente, lançaram o dado e saiu o medo para explorarmos. Para tal, propuseram fazer fantasmas, construir uma aranha grande, fazer máscaras em forma de aranha, ouvir histórias, ouvir músicas e jogar jogos. Terminada a exploração do medo, lançaram novamente o dado e saiu a tristeza. Para a tristeza, escolheram fazer um palhaço grande mas, triste, ou seja, igual ao palhaço das pesquisas que uma criança trouxe. Também, quiseram fazer máscaras, ouvir histórias, construir um puzzle e aprender canções. Por último, explorámos a raiva. Para a raiva propuseram ouvir uma história, fazer máscaras, fazer botas, confeccionar saias e vestidos e ouvir músicas. No final, aperceberam-se que não tínhamos a carruagem do maquinista e que sem ele o comboio não poderia andar. Então, as crianças propuseram fazer a carruagem do maquinista e escolheram a cor verde para pintarem a carruagem. Para finalizar, decidiram construir uma bilheteira para o dia da divulgação e ilustrarem os bilhetes.

Quanto à terceira fase, que corresponde à reflexão e conclusão segundo Katz e Chard, decidimos convidar os pais e os amigos das restantes salas para virem conhecer o nosso projecto. Assim, construímos convites em forma de baú com um tesouro lá dentro. Estes foram entregues aos pais e aos amigos das restantes salas. O nosso principal objectivo nesta fase era realizar uma avaliação final de forma a compreender se as crianças tinham alcançado os objectivos inicialmente traçados. Desta forma, desenvolvemos variados diálogos com as crianças, registámos as suas respostas e pedimos que realizassem um desenho sobre o que gostaram mais e o que gostaram menos no decorrer do projecto. Deste modo, através dos registos conseguimos compará-los com os registos que realizámos inicialmente e percebemos que estes atingiram o que foi proposto. Contudo, para irmos realizando a nossa auto-avaliação e a avaliação do grupo, construímos um jornal de parede. Este era composto por quatro colunas: O que fizemos, O que mais gostei, O que menos gostei, O que falta fazer. Deste modo, fomos avaliando o desenvolvimento das crianças e fomos fazendo a nossa auto-avaliação, ou seja, se estávamos a corresponder às suas expectativas e motivações.

Através dos desenhos realizados ao longo do projecto sobre cada emoção e através destes desenhos finais mencionados anteriormente, construímos um livro cujo título consistiu “Os nossos tesouros”. Assim, no livro constavam os desenhos do que já sabiam de cada emoção, do que mais gostaram, do que menos gostaram e o registo do que aprenderam.

Deste modo, a manhã destinou-se aos amigos. Estes vinham em grupos. À medida que iam chegando, retiravam um bilhete na bilheteira que lhes permitia a entrada no ginásio para realizar a viagem no mundo das emoções. Ao entrarem, dirigiam-se para o início do comboio onde se encontrava uma criança para lhe explicar em que consistia o dado, o baú e a carruagem do maquinista. De seguida, começavam a visitar cada uma das carruagens onde se encontrava, também, uma criança para explicar ao grupo visitante em que consistia essa carruagem. No final, desfolhavam o livro “Os nossos Tesouros”.

Relativamente ao período da tarde, este destinou-se aos pais. Deste modo, formámos três grupos. Estes foram compostos pelas crianças e pelos respectivos pais. Assim, cada grupo dirigia-se à bilheteira para tirar um bilhete para acompanhar os pais ao longo da viagem pelo mundo das emoções. Esta viagem foi realizada do mesmo modo que a anterior. Terminada a visita às carruagens, os pais afastavam-se um pouco, os seus filhos entravam para as carruagens e assistiam à viagem dos seus filhos, pois é importante mencionar que o comboio andava. De seguida, encaminhámos os pais para a sala. Antes de entrarmos na sala, juntamente com as crianças, mostrámos e explicámos a exposição composta por fotografias do decorrer de todo o projecto que expusemos no placard à entrada da mesma. Seguidamente, entrámos para a sala e distribuámos uma fatia de bolo a todos os convidados e às crianças. Este bolo estava dividido em quatro partes, cada uma decorada de acordo com as quatro emoções. Enquanto comiam o bolo, procedemos à apresentação de um vídeo do nosso projecto. No final, oferecemos aos pais um DVD com o respectivo vídeo como forma de lhes agradecer todo o apoio e para eles poderem recordar, mais tarde, todos estes maravilhosos momentos.

5.3.2.3 Reflexão

Reflectindo sobre a concretização deste projecto posso mencionar que este foi uma experiência muito enriquecedora e gratificante pois, pude colocar em prática todos os conhecimentos teóricos aprendidos ao longo da minha formação sobre este tipo de pedagogia participativa. Também, pude vivenciar todas as vantagens que esta pedagogia possui.

Inicialmente, as emoções pareceram ser uma temática de difícil abordagem mas, com alguma pesquisa consegue-se ultrapassar todas as dificuldades e realizar um bom trabalho.

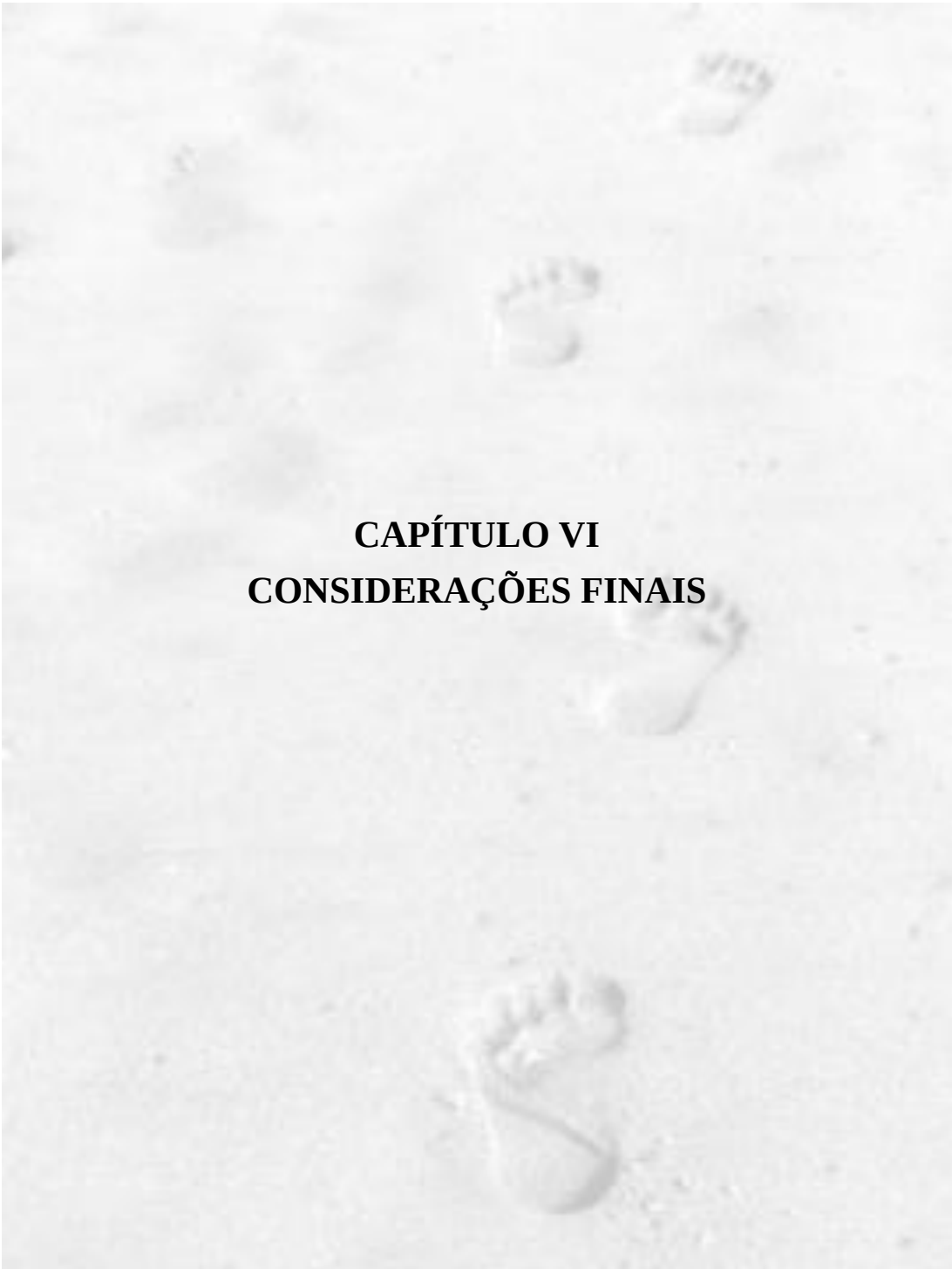
Sem dúvida, que este foi um verdadeiro projecto pois, pude vê-lo crescer de dia para dia através das opiniões, das pesquisas e dos desejos das crianças.

Corresponder sempre aos desejos, aos interesses e às necessidades das crianças foi sempre a nossa prioridade. Deste modo, tentámos sempre corresponder-lhes com actividades lúdicas, diversificadas e criativas, utilizando sempre novas técnicas adequadas ao seu nível de desenvolvimento. Assim, realizámos sempre uma prática integrada, ou seja, no desenvolvimento das actividades tentámos sempre interligar todas as áreas de conteúdo.

No decorrer do desenvolvimento do projecto fui sempre reflectindo com a minha colega e com a educadora cooperante pois, assim consegui analisar as minhas acções, decisões, sucessos e insucessos. Também, pude analisar as actividades desenvolvidas, os comportamentos das crianças e as opiniões que nos iam transmitindo. Através desta reflexão crítica das práticas desenvolvidas pude crescer enquanto futura educadora e pude desempenhar um trabalho mais rico e interessante. No final do projecto, também realizámos uma reflexão final com as crianças através de um diálogo na manta. Esta foi muito importante pois, permitiu-nos verificar que os objectivos iniciais foram alcançados e que todo o nosso esforço e empenho foram recompensados.

Em suma, trabalhar com esta metodologia exige muito trabalho do educador mas as vantagens que traz consigo são muitas e importantes. Por isso, quando

verificamos o produto final verificamos que vale a pena o esforço. Desempenhar o nosso trabalho tendo as conta as opiniões, motivações e necessidades das crianças é muito gratificante porque as crianças permanecem mais motivadas, receptivas, interessadas, empenhadas, concentradas em aprender sempre mais e a ultrapassar os obstáculos com que se vão deparando. Assim, esta foi uma experiência que me fez reflectir muito e perceber que o que se afirma na teoria é possível colocar em prática.

A black and white photograph of footprints in sand, serving as a background for the chapter title. The footprints are scattered across the frame, with some being more distinct than others. The sand has a fine, granular texture.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou ao fim o tão desejado estágio. Neste momento sinto uma mistura de sensações. Por um lado, sinto-me melancólica, por outro lado sinto uma enorme felicidade. Esta afirmação é um pouco antagónica, mas estou triste porque estava a gostar de realizar as actividades, as crianças eram muito receptíveis e amorosas, empenhavam-se imenso na realização das tarefas e, por isso, custou-me muito ter que vir embora. Contudo, sinto-me muito feliz porque estou a terminar o meu curso, o curso que sempre desejei. Este vai ser sempre um grupo de crianças muito especial.

Todavia, posso mencionar que este estágio foi muito enriquecedor e de muita importância para o futuro que se avizinha pois, pude adquirir e desenvolver muitas competências e pude contactar com uma realidade educativa. Este foi marcado por várias fases. Inicialmente comecei por observar.

A observação tem que ter sempre um objectivo pois, esta é um momento de estudo e reflexão sobre a prática. Observar é um aspecto que o educador deve ter sempre presente na sua prática pois, só assim poderá conhecer as capacidades, interesses e dificuldades do seu grupo para, seguidamente, reflectir sobre as informações recolhidas e adequar o seu processo educativo às necessidades do mesmo e nunca esquecendo que esta também é um dos principais instrumentos de avaliação no jardim-de-infância. Assim, nesta fase pude compreender a rotina da sala, o modo como a Educadora Cooperante trabalha e organiza cada dia, o tipo de planificação que realiza, a diversidade de actividades que são realizadas, o modo como os espaços são utilizados, os tipos de materiais predominantes, as relações que são estabelecidas, o modo como a avaliação é efectuada e, principalmente, conhecer o grupo no seu geral. Com o preenchimento da ficha 1G nesta fase, também, consegui observar os gostos de cada criança, bem como, as actividades que estas mais gostam de realizar.

Relativamente à segunda fase, esta consistia em desenvolver actividades pontuais a pedido da educadora cooperante. Contudo, nesta fase possuí a oportunidade de implementar o mini projecto “O ciclo da Água”. Esta foi sem dúvida a fase crucial para começar a desenvolver a minha acção educativa.

A terceira fase consistiu esta em planificarmos actividades pontuais de acordo com a educadora. Contudo, juntamente com a minha colega, planificámos diariamente o desenvolvimento do dia pois, a educadora cooperante deu-nos liberdade para escolhermos as actividades de acordo com os interesses e necessidades do grupo, dizendo-nos apenas a temática que queria abordar.

Por último, a quarta fase consistiu na implementação da Metodologia de Projecto. Contactar com as vantagens que esta metodologia acarreta foi fantástico pois, puder vivenciar o crescimento de um projecto diariamente através das opiniões, interesses e motivações das crianças foi muito gratificante. Julgo que proporcionei às crianças uma melhor compreensão da temática abordada através de todas as actividades realizadas. Sem dúvida, que como futura Educadora de Infância terei sempre presente as vantagens do uso desta metodologia.

No que concerne à supervisão da educadora cooperante, esta esteve sempre disponível para nos ajudar em qualquer situação. Todas as reflexões que íamos realizando ajudaram-me a problematizar as acções desenroladas e por desenrolar e a avançar com uma nova solução na resolução de problemas. Foi uma mediadora entre o conhecimento teórico e o conhecimento prático ajudando-me a reconhecer as minhas dificuldades e valorizando quando necessário as minhas potencialidades.

Em suma, com a realização deste estágio tive oportunidade de colocar em prática algumas das teorias aprendidas no decorrer deste curso. Como futura profissional, possuí oportunidades de desenvolver as minhas competências, a minha capacidade de analisar situações, a minha capacidade de reflectir sobre o trabalho desempenhado e sobre possíveis mudanças. Aprendi, também, que é muito importante manter uma boa relação com os pais, para que possamos ter uns aliados fortes com o mesmo objectivo que nós, ou seja, promover o desenvolvimento integral da criança. Assim, a realização deste estágio foi uma experiência indispensável à minha futura actividade profissional pois, possibilitou-me ver o jardim-de-infância com outro olhar, ou seja, com um olhar real que antes não possuía - só o imaginava - e possibilitou desenvolver todas as competências que fui adquirindo ao longo da minha formação.

BIBLIOGRAFIA

Formosinho, J.; Lino, D. e Niza, S. (2007). *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação*. 3.^a edição, Edições Porto Editora. Porto.

Katz, L. e Chard, S. (2009). *A abordagem de projecto na educação de infância* (tradução de Carla Alves, Ana Isabel Vale e Cardoso Alves). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. DEB. Lisboa.

Ministério da Educação (1998). *Qualidade e projecto na educação pré-escolar*. DEB. Lisboa.

Portugal, G. e Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar. Sistema de acompanhamento das crianças*. Edições Porto Editora. Porto.

Vilar, A. (2000). *O professor planificador*. 4.^a edição, Edições ASA. Porto.

Zabalza, M. (2001). *Didáctica da educação infantil*. 3ª edição, Edições ASA. Porto

Revista

Roque, L. e Rodrigues S. (2005). A Vida a Brincar. *Cadernos de educação de infância*. 75: 32 - 39

Legislação

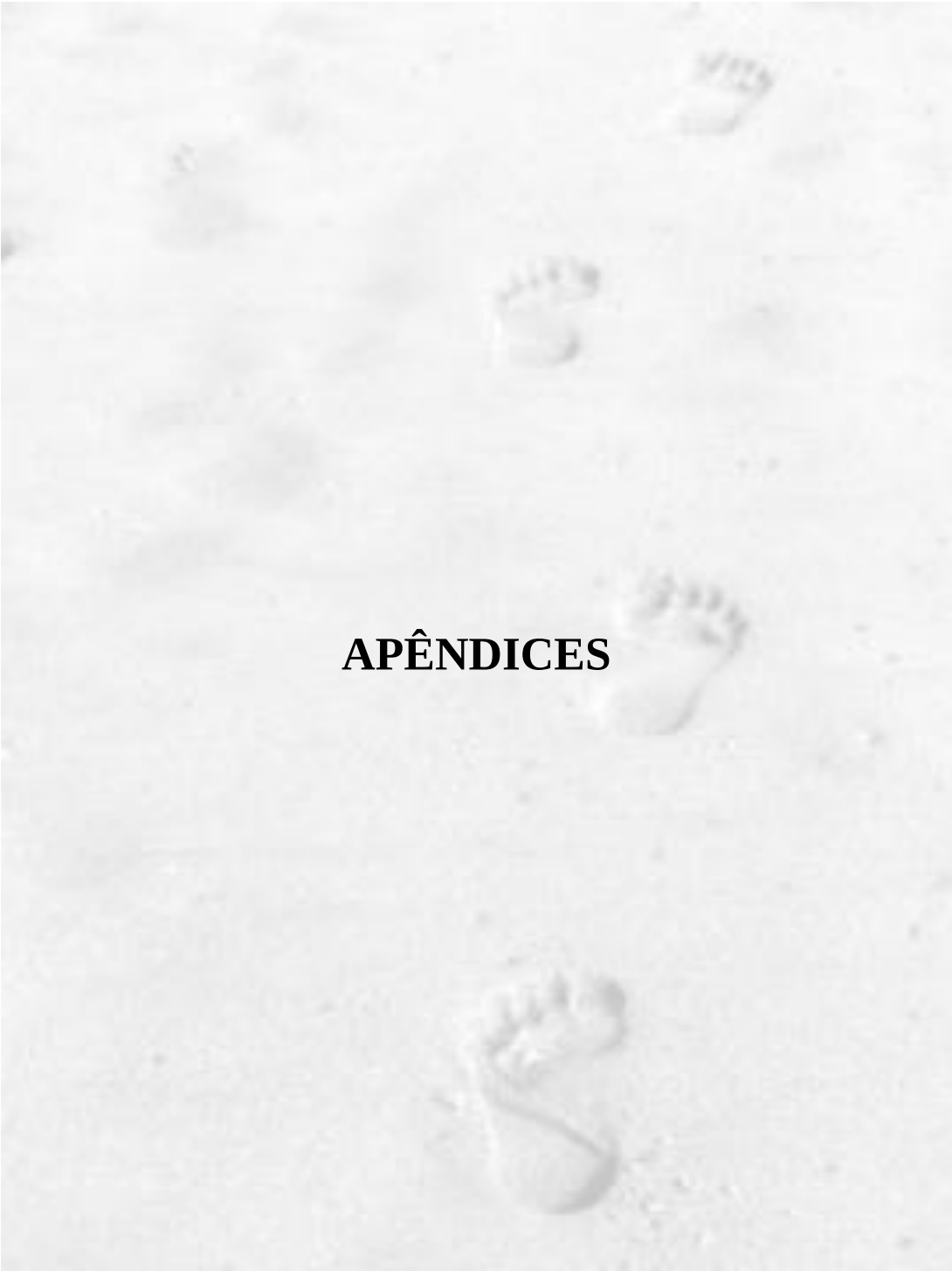
Decreto-lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro. *Diário da República* nº34 – I Série – A. Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho n.º 5220/97, de 4 de Agosto. *Diário da República* n.º 178 – II Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto. *Diário da República* nº 201 – I Série – A. Ministério da Educação. Lisboa.

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. *Gestão do currículo na educação pré-escolar*. Ministério da Educação. Lisboa.

Circular nº4/ DGIDC/DSDC/2011. *Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação. Lisboa.

A black and white photograph of footprints in sand, with the word 'APÊNDICES' centered over it.

APÊNDICES

Apêndice n.º 1

- Planificação Diária

Data	Actividades a realizar	Áreas a trabalhar	Competências	Recursos		Estratégias de avaliação
				Humanos	Materiais	
25/02/2011	◆ Conto da história “A Carochinha” através de um teatro de sombras. ◆ Ordenação temporal de partes da história. ◆ Iniciação da construção dos fatos de carnaval (os meninos do couro);	◆ Área da expressão e comunicação – domínio da linguagem oral ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da expressão dramática ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da expressão musical e motora; ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da matemática ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da expressão plástica	◆ Sabe ouvir e recontar alguns momentos de uma história; ◆ Mostra interesse em comunicar; ◆ Observa algumas dramatizações de histórias; ◆ Interessa-se por fantoches; ◆ Reproduz canções simples; ◆ Dança (diferentes ritmos/movimentos ao som da música) ◆ Memoriza e canta pequenas canções; ◆ Ordena sequencialmente partes de uma história; ◆ Mostra prazer/desejo de explorar e de realizar trabalhos; ◆ Revela criatividade na elaboração das suas produções;	◆ Educadora; ◆ Estagiárias; ◆ Auxiliares.	◆ Livro da história “A carochinha” (adaptação de Ana Oom); ◆ Cd da história “A carochinha” ◆ Imagens das diferentes partes da história; ◆ Sacos pretos de plástico; ◆ Tesouras; ◆ Guardanapos de papel;	◆ Diálogo; ◆ Registo fotográfico;

			♦ Identifica e nomeia as cores; ♦ Aperfeiçoa o controlo na manipulação e utilização dos materiais;		♦ Cola.	
--	--	--	---	--	---	--

Apêndice n.º 2

- CD com o Projecto “As Emoções”

ANEXOS

Anexo n.º 1

- Ficha 1G

Grupo: N.º de adultos:				N.º de Crianças: Semana de: ____ a ____ Tempo: ____ às ____			
Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emocional (de 1 a 5)	Observações	Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emocional (de 1 a 5)	Observações
1		☐ ☐ Imp. B-E		6		☐ ☐ Imp. B-E	
2		☐ ☐ Imp. B-E		7		☐ ☐ Imp. B-E	
3		☐ ☐ Imp. B-E		8		☐ ☐ Imp. B-E	
4		☐ ☐ Imp. B-E		9		☐ ☐ Imp. B-E	
5		☐ ☐ Imp. B-E		10		☐ ☐ Imp. B-E	

Anexo n.º 2**- Ficha 2G**

ANÁLISE DO GRUPO	
O QUE ME AGRADA	O QUE ME PREOCUPA
O que está a correr bem? Que aspectos positivos se devem realçar como evidências de bons níveis de bem-estar e implicação no grupo.	O que é preocupante? Que aspectos me inquietam e impressionam relativamente às evidências de neutro ou fracos níveis de bem-estar e implicação no grupo.
• • • •	• • • •

ANÁLISE DO CONTEXTO			
FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA ALTOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO		FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA BAIXOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO	
1. Ambiente estimulante (estruturas bem equipadas, variedade de materiais e experiências, etc):		1. Ambiente empobrecido (infraestruturas limitadas, material desgastado e inadequado, oferta diminuta de experiências, etc):	
2. Atmosfera positiva e bom clima de grupo (atmosfera agradável, interações positivas, sentido de pertença, etc):		2. Atmosfera inibidora e fraco clima de grupo (interacções frias, demasiado ruído ou silêncios constrangedores, crianças e adultos da sala mantêm contactos fugazes e impessoais, etc):	
3. Espaço para iniciativa (é favorecida a escolha das crianças relativamente a actividades, assuntos, negociações, regras, etc):		3. Falta de oportunidade para iniciativa (actividades predominantemente impostas e conduzidas pelos adultos, pouca flexibilidade na estruturação dos dias, na negociação e na tomada de decisões, fraca responsabilização da criança, etc)	
4. Organização eficiente (plano do dia acessível e voltado para as crianças, gestão de tempo sem momentos “vazios/mortos”, orientação e acompanhamento adequados, gestão do grupo apropriada, etc...)		4. Organização insuficiente (o plano do dia não é voltado para as crianças, o tempo é mal gerido e explorado, especialmente nas rotinas de transição, a orientação não é usada de modo optimizado, a gestão do grupo é desajustada, etc)	
5. Estilo do adulto adequado (atenção aos sentimentos e necessidades das crianças, intervenção estimulante e promotora da iniciativa da criança, etc)		5. Estilo do adulto inadequado (os sentimentos e disposições das crianças não são tomados em conta, pouco ou nenhum estímulo ao ímpeto exploratório das crianças, desvalorização das iniciativas das crianças, etc)	
Factores inerentes à criança (dia de aniversário, nascimento de um irmão, celebração familiar, etc)	Circunstâncias excepcionais (poucas crianças na sala, dia de actividade excepcional, etc)	Factores inerentes à criança (doença, crise familiar, etc)	Circunstâncias excepcionais (presença de novo adulto na sala, falta de adulto de referência, etc)

OPINIÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O JI	
O que lhes agrada	O que lhes desagrada
• • • •	• • • •
Interesses ou desejos • • •	

INFORMAÇÕES GERAIS	
Características/recursos da comunidade e famílias	Projecto do Agrupamento/Instituição
• • • •	• • • •

Anexo n.º 3**- Ficha 3G**

Acções para o período de _____ a _____ Grupo: Prioridades⁷: ☐ Oferta Educativa ☐ Clima de Grupo ☐ Espaço para Iniciativa ☐ Organização ☐ Estilo do Adulto ☐ Outros aspectos		
OBJECTIVOS (Considerando a análise da ficha 2G, que fins gostaria de alcançar?)	• • • • •	
Âmbito	Intenções/necessidades de mudança	Iniciativas/Acções concretas a desenvolver
OFERTA EDUCATIVA		
CLIMA DE GRUPO		
ESPAÇO PARA INICIATIVA		
ORGANIZAÇÃO		
ESTILO DO ADULTO		
OBSERVAÇÕES		

⁷ Assinalar os campos de intervenção prioritária com a atribuição por ordem crescente de números de 1 a 5.

Anexo n.º 4**- Ficha 1G: Avaliação Final**

Jardim de Infância: _____				
Grupo: _____ anos			N.º total de Crianças: _____	
N.º de adultos: _____			Semana de: _____ a _____	
Observador: _____				
n.º	Nome da Criança	Níveis de Bem-Estar Emocional	Níveis de Implicação	Comentários
1		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
2		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
3		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
4		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
5		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
6		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
7		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
8		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
9		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
10		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
11		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
12		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
13		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
14		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
15		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
16		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
17		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
18		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
19		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
20		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
21		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
22		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
23		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
24		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
25		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	